

PÓS-MARXISMO: REFLEXÕES SOBRE O SUJEITO E A RESISTÊNCIA NA TEORIA MATERIALISTA

LUCIANE BOTELHO MARTINS¹; ARACY ERNST²

¹UFPEL – e-mail: lucianebrmk@hotmail.com

²UFPEL – e-mail: aracyep@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O trabalho propõe uma reflexão sobre a categoria de sujeito e sua relação com a resistência no processo discursivo. Partindo do princípio de que a teoria materialista do discurso, ou em outros termos, a teoria de discurso segundo Michel Pêcheux trabalha com três campos saber que são distintos: Linguística, Materialismo histórico e Psicanálise, buscamos compreender a partir do conceito de sujeito de cada campo de saber, como se dão os processos de subjetivação e resistência na materialidade discursiva – objeto de análise do discurso.

Língua, Inconsciente e Ideologia são três campos de saber autônomos que ao se imbricarem produzem os sentidos nos processos discursivos. Embora saibamos que a natureza do discurso é por si só contraditória, faz-se necessário compreender como se dá o funcionamento da categoria de sujeito, sobretudo se pensarmos o sujeito da resistência. Mas isso não é uma tarefa muito fácil, já que Marx, em suas reflexões, ignora o sujeito. Segundo ALTHUSSER (1996), em sua releitura de Marx, o sujeito da ideologia é totalmente assujeitado; enquanto Lacan defende o inconsciente como lugar do discurso do Outro, e o sujeito como um lugar do significante, conforme aponta JORGE (2005). É pois, diante disso que surge nossa pergunta: É possível conceituar o sujeito na perspectiva teórica que adotamos? Onde estaria o ponto em que o sujeito “ousa rebelar-se”, como sugere PÊCHEUX (2009), no anexo III de Semântica e Discurso?

2. METODOLOGIA

O trabalho foi constituído a partir de uma pesquisa bibliográfica: iniciamos pelo estudo dos conceitos de materialismo histórico, seguindo pelo materialismo dialético até chegarmos ao materialismo histórico-dialético e ao conceito de sujeito segundo a teoria das ideologias, ponto em que ALTHUSSER (1996, p. 131) chega a proposição de que: “não existe ideologia exceto pelo sujeito e para sujeitos”. Na sequência, ao tomamos a língua-objeto e sua relação com a exterioridade, chegamos à proposição de Lacan, que segundo JORGE (2005), apresenta o sujeito do inconsciente como aquele que se inscreve no significante e, que por isso, de acordo com ŽIŽEK (2016), tem caráter intervalar, lacunar e vazio. Em outros termos, para Žižek, segundo Daly (2016, p. 11), “o sujeito existe, antes, como dimensão eterna de resistência-excesso em relação a todas as formas de subjetivação”. E foi, pois, pensando cada um dos conceitos de sujeito que propomos pensar o sujeito discursivo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

¹ Doutoranda do PPGL/UFPEL e autora do trabalho.

² Orientadora do Doutorado e do trabalho.

Partindo da ideia de que o sujeito da psicanálise é efeito de sua própria causa e que a causa, assim como o trauma não tem existência prévia à simbolização, temos conforme Lacan mesmo afirmou, um sujeito que se constitui a partir do Outro. Dada a compreensão de ordem simbólica como linguagem, podemos dizer que é por meio da imagem do espelho que a ideologia encontra espaço para constituir-se como Outro (imagem idealizada). De acordo com Fink, “é a ordem simbólica que realiza a internalização das imagens especulares e de outras imagens” (1998, p. 57).

Assim, entendemos que a interpelação ideológica se dá via linguagem do Outro, processo conhecido na psicanálise e apontado por Fink (1998), como *alienação*, entretanto, sabendo que o sujeito lacaniano é dividido entre *alienação* (como processo de sujeição ao Outro) e *separação* (como desejo do outro), a possibilidade de o processo de interpelação falhar existe. A falha no processo de alienação revela a resistência do sujeito do desejo. Fink, ao descrever o sujeito da psicanálise afirma que

Esse sujeito não tem outra existência além de um furo no discurso. O sujeito do inconsciente manifesta-se no cotidiano como uma irrupção transitória de algo estranho ou extrínseco. Em termos temporais, o sujeito aparece apenas como uma pulsação, um impulso ou interrupção ocasional que imediatamente se desvanece ou se apaga, “expressando-se”, desta maneira, por meio do significante (1998, p. 63).

Ao refletirmos sobre “a irrupção transitória de algo estranho e extrínseco” somos levados a pensar sobre os vacilos que se configuram sobre as formas de lapso e de ato falho. De acordo com Žižek, “o lapso ou o ato falho já fornecem uma prova suficiente de que esse Outro Hermenêutico, o Outro igual ao universo das regras que predeterminam o campo de significação; não pode dar conta” (2003, p. 104) do todo, ou seja, ao contrário do que se pensa, o lapso e o ato falho são manifestações bem-sucedidas de uma outra regra, uma regra desconhecida que resiste. Žižek explica ainda que esse vacilo nada mais é do que “la ‘respuesta de lo Real’: un pequeño fragmento de lo Real da cuerpo a la resistencia psíquica del sujeto a su acto” (2016, p. 77). O autor complementa ainda que, o vacilo como “contenido inconsciente no es algo que la resistencia encubra y oculte, no es que simplemente preexista a la resistencia, sino que es algo inmanente a la resistencia, algo que puede ser desvelado por el análisis inmanente de la resistencia” (2016, p. 82).

Nesse ponto, é preciso lembrar que para Lacan, segundo Fink, “o inconsciente como cadeia não é a mesma coisa que o sujeito do inconsciente” (1998, p. 62), o inconsciente subsiste ao longo da vida, é permanente e o sujeito do inconsciente não é constante, nem permanente, pois, uma vez fundado pelo significante, irrompe sob a forma de furo (intervalo entre dois significantes), daí a importância da linguagem como mecanismo que faz vir à tona saberes que constituem a *outra* regra. De acordo com Leandro-Ferreira,

*...o sujeito, ao ser constituído pela linguagem, encontra nela sua morada e disso decorre uma marca de sujeito enquanto *efeito de linguagem*. Por outro lado, ao sofrer a determinação da ideologia, por via da interpelação, o sujeito se configura como *assujeitado*. E por ser também um sujeito do inconsciente, descontínuo por excelência e que se ordena por irrupções pontuais, esse sujeito se mostra como *desejante* (2010, p. 8).*

Em outros termos, a autora, ao afirmar que o sujeito é constitutivamente afetado pelo efeito linguagem, pelo assujeitamento e pelo caráter desejante, reforça que o sujeito é constituído por uma inscrição ideológica marcada no

desejo, o qual opera em um deslizamento que sempre remete a uma falta, e isso vem a confirmar a definição de sujeito como efeito, como bem apontou Fink (1998).

4. EFEITO DE FECHAMENTO

Diante das reflexões propostas, optamos em concluir este trabalho como efeito de fechamento por entendermos que estamos diante de um processo, em que ainda não há respostas. Observamos que estamos diante de alguns questionamentos, sobretudo porque tanto a psicanálise quanto as reflexões pós-marxistas trabalham frente a um paradoxo, em que o conhecimento se constrói por meio de refutações e reformulações como bem aponta Žižek (2003), ao retornar a Marx e a Freud.

Dito de outro modo, o dilema permanece, ainda não conseguimos conciliar o sujeito assujeitado, aquele que é determinado pelas relações sociais com o sujeito do inconsciente, aquele que é movido pelo desejo e marcado duplamente pela falta e pelo excesso. Há de se notar que em nenhuma das duas teorias o sujeito é livre, assim como podemos observar que há uma forte tensão entre a sobredeterminação e o desejo em ambos os sujeitos. As forças que incidem sobre o sujeito da ideologia e sobre o sujeito do inconsciente por serem de naturezas distintas ainda se configuram como um obstáculo a ser superado no que concerne a construção de um sujeito na perspectiva discursiva, sem que um deles seja descaracterizado. Assim, respeitando as particularidades de cada teoria, e reconhecendo que o sujeito discursivo é aquele que materializa no discurso o processo de interpelação ideológica que se dá via inconsciente, ousamos pensar que é no caráter lacunar de ambos os sujeitos (da ideologia e do inconsciente) que a resistência toma forma.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. Problemas colocados pela existência de duas disciplinas. In: ALTHUSSER, Louis. **Marxismo segundo Althusser**. Sinal Editora e Distribuidora. Coleção Sinal 2, 1967.

_____. **A corrente subterrânea do materialismo do encontro (1982)**. Disponível em <<https://www.marxists.org/portugues/althusser/1982/mes/corrente.pdf>> Acesso em: 05/11/2017.

_____. **Marxismo e Luta de Classes**. In: ALTHUSSER, L. **Posições II**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

_____. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

_____. **Ideologia e Aparelho Ideológicos de Estado (notas para uma investigação)**. In: ŽIŽEK, Slavoj (org). **Um mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

DAVOINE, Françoise & GAUDILLIÉRE, Jean Max. O neutro do sujeito. In: CONEIN, Bernard et. al. (Orgs.). **Materialidades Discursivas**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016, pp. 257-268.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. *II Inconsciente e Linguagem: o simbólico*. In: JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**, vol. 1: as bases conceituais. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, pp. 65-101.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano**: entre a linguagem e o gozo. [trad.] Maria de Lourdes Duarte Sette. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. **Análise do discurso e suas interfaces** – o lugar do sujeito na trama do discurso. In: Organon – Revista do Instituto de Letras da UFRGS. V. 24, nº 48, 2010. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/28636/17316> Acesso em: 01/06/2019.

MARIANI, Bethania S. C. & ALMEIDA, Eliana. **Entre Pêcheux, Althusser e Lacan**: uma carta sempre chega ao destino? In: ABRAHÃO E SOUSA, Lucília & GARCIA, Dantielli A. (Orgs.) *Ler Althusser hoje*. São Carlos: EdUFSCar, 2017. Pp. 169-188.

MOTTA, Luiz Eduardo. **A favor de Althusser**: revolução e ruptura na Teoria Marxista. Rio de Janeiro: Gramma & FAPERJ, 2014.

ORLANDI, Eni. ORLANDI, Eni. Texto e Discurso. **Organon**, vol. 9, n. 23. 1995. <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29365/18055>

PÊCHEUX, Michel. O mecanismo do (de)conhecimento ideológico. In: ŽIŽEK, Slavoj (org). **Um mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

_____. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4ª ed. Campinas. SP: Editora Unicamp, 2009.

_____. Língua, linguagens, discurso. In: PIOVEZANI, Carlos e SARGENTINI, Vanice (orgs.). **Legados de Michel Pêcheux** - inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2015a.

_____. II Especificidades de uma disciplina de interpretação. In: PIOVEZANI, Carlos e SARGENTINI, Vanice (orgs.). **Legados de Michel Pêcheux** - inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2015b.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2014.

ŽIŽEK, Slavoj. **O mais sublime dos históricos**: Hegel com Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2003.

_____. **Las metástesis del goce**: seis ensayos sobre la mujer y la causalidad. Buenos Aires: Paidós, 2005.

_____. **Contragolpe absoluto** – para una refundación del materialismo dialéctico. España: Ediciones Akal, S. A., 2016.